

Dave Mathewson, Hermenêutica, Aula 8, Gadamer & Bultmann

© 2024 Dave Mathewson e Ted Hildebrandt

Na última sessão discutimos algumas das influências na hermenêutica e na interpretação, observando vários indivíduos do período do Iluminismo, de Francis Bacon a Schleiermacher, e a sua contribuição para a hermenêutica e para o pensamento. Vimos que muito do nosso pensamento sobre a hermenêutica é influenciado não apenas pelos intérpretes bíblicos, mas, de forma mais ampla, simplesmente pelos métodos de pensar e pensar sobre a compreensão e o conhecimento de forma mais geral. E consideramos o legado de alguns desses indivíduos e suas contribuições até mesmo para a hermenêutica moderna, até mesmo nos estudos bíblicos.

O que eu quero fazer é avançar para o século XX e examinar uma série de séculos XX e até mesmo o século XXI, talvez, mas examinar um punhado de indivíduos que influenciaram a nossa compreensão da hermenêutica. E o primeiro é uma pessoa que talvez mais do que qualquer outra tenha influenciado a nossa compreensão de um pouco de interpretação na hermenêutica. Esse indivíduo foi um filósofo alemão chamado Hans- Gurg Gadamer, que viveu de 1900 a 2002.

É interessante, ao ouvir algumas datas desses pensadores, ver quanto tempo a maioria deles viveu. A lição que eu acho é se tornar um pensador hermenêutico ou um filósofo e você terá uma vida longa garantida. Obviamente isso provavelmente não é verdade, mas é interessante como muitos deles viveram até os 80 e até os 90 anos, e ainda mais no caso de Hans- Gurg Gadamer.

Mas este filósofo alemão Gadamer introduziu o que tem sido frequentemente rotulado como a nova hermenêutica. E a obra mais famosa de Gadamer que articulou sua posição foi uma obra que foi traduzida para o inglês com o título

Verdade e Método. E neste livro, Gadamer desenvolveu sua compreensão da hermenêutica filosófica.

Às vezes você ouvirá o termo hermenêutica filosófica. Muitas vezes é visto que remonta ao trabalho de Gadamer, Verdade e Método, e ao desenvolvimento de sua compreensão da hermenêutica. Gadamer também reagiu ao método científico e à busca do conhecimento da verdade objetiva por meio do raciocínio humano e do pensamento racional.

E o que ele disse é que a compreensão é muito maior do que apenas a verdade objectiva alcançada através da experimentação científica. Em vez disso, a reação de Gadamer às tentativas anteriores de ver a compreensão como simplesmente o resultado da técnica científica e do método científico ou de ver a hermenêutica em termos de um sujeito, um sujeito interpretativo, que domina um objeto para nossos propósitos no texto bíblico. Um sujeito que domina o objeto para que o sujeito o domine e o analise para dominá-lo.

E é a isso que Gadamer está reagindo. Também é importante acrescentar que para Gadamer, a hermenêutica, estamos começando a ver que a hermenêutica não é apenas compreender os textos, mas para ele está sob e para nós o texto bíblico, mas para ele é compreender a vida. A hermenêutica para ele abrange toda a vida.

É interdisciplinar e veremos que vários desses pensadores estão começando a se tornar isso. Então para ele não dominamos um texto, mas segundo Gadamer ele também nos domina. E o que ele fez foi, disse Gadamer, que estamos tão emaranhados e enredados no mundo em que vivemos que sempre que tentamos compreender alguma coisa, sempre que tentamos chegar a uma compreensão de outra coisa, dos nossos interesses, das nossas crenças, da nossa situação na vida, nossos preconceitos, nossas predisposições, tudo influencia nossa compreensão.

Mas ele também argumentou que eles também são necessários em alguns aspectos. E em contraste direto com Locke, John Locke, que disse que poderíamos abordar algo como uma lousa em branco, esperando para ser escrita por impressões sensoriais do mundo externo. Gadamer disse que não, estamos tão enredados na nossa cultura, no nosso ambiente, estamos tão enredados na nossa própria compreensão, nas nossas predisposições, nos nossos preconceitos, que estes necessariamente influenciam a forma como olhamos as coisas.

Mas isso foi bom porque é necessário para que possamos entender alguma coisa. Novamente, exceto se alguém tiver a mente em branco, como poderemos entender alguma coisa? Fora das categorias de compreensão, fora de uma compreensão prévia, como podemos esperar captar ou compreender alguma coisa? Assim, para Gadamer, era necessária a pré-compreensão e o facto de estarmos enredados neste mundo com os nossos próprios interesses, as nossas próprias crenças, a nossa própria situação de vida. Portanto, não existe um observador ou intérprete objetivo e neutro.

Não vivenciamos as coisas como observadores desapegados. Não é como um observador isolado e desapegado, um sujeito que observo isso e ganho domínio sobre ele e entendo de forma puramente objetiva. Em vez disso, a minha compreensão disto é influenciada pelos meus próprios interesses, pelas minhas próprias crenças, pelas minhas próprias predisposições e pressupostos, pelos meus próprios preconceitos.

Tudo isso influencia como eu entendo isso. Mas, novamente, isso é bom para Gadamer, não necessariamente negativo. Portanto, em vez de compreender algo como um observador neutro e imparcial, o processo de compreensão para Gadamer era muito mais dinâmico.

E como ele entendeu a sua solução para a hermenêutica e a sua solução para o facto de chegarmos a um texto com todos os nossos preconceitos e pressupostos e os nossos interesses e as nossas crenças, a solução para isso é que realmente entramos num diálogo com o próprio texto. Entramos em uma conversa com o que estamos tentando entender. Então trazemos toda a nossa bagagem, todos os nossos antecedentes e nossos pressupostos para o objeto que estamos tentando compreender, mas dialogamos com ele.

Entramos em uma conversa com o que estamos tentando entender. Portanto, o processo de interpretação é muito mais dinâmico do que apenas um observador objetivo sentado e absorvendo os dados. Gadamer então, à luz de sua compreensão da hermenêutica como uma espécie de conversa ou diálogo com o que se tenta compreender, Gadamer defendeu essa ideia de fusão de horizontes.

E esta é uma das coisas pelas quais ele é conhecido. O fato de o intérprete chegar a um texto ou a algo que deve ser compreendido, um intérprete vem de sua própria situação. Eles começam com suas próprias suposições, suas próprias pressuposições, suas próprias crenças.

E eles vêm, começam com uma suposição do que esperam encontrar no texto. E então eles entram em diálogo com o texto, uma espécie de dar e receber com o texto. Para que suas expectativas sobre o que esperam encontrar no texto possam ser afirmadas ou precisarem ser modificadas.

Suas expectativas podem ser frustradas. Por sua vez, então, o texto, e novamente, Gadamer o entende como uma espécie de diálogo de ida e volta . Então venho com meu entendimento, venho com minha formação, minha suposição do que espero encontrar.

E encontro essas suposições confirmadas ou frustradas no texto ao ler o texto, por exemplo. Por sua vez, o próprio texto questiona o intérprete. O texto, e à medida que leio o texto, ele começa a ampliar minha compreensão.

Começa a ampliar o que espero encontrar. E então se concentra na revisão de nossas suposições e nas perguntas que fazemos ao texto. Então, mais uma vez, chego ao texto, trago as minhas questões, os meus pressupostos, e depois o próprio texto desafia ou confirma-os, e faz-me rever a minha compreensão, os tipos de questões que faço ao texto.

Portanto, o objetivo de Gadamer é chegar ao que ele chamou de fusão de horizontes. Os horizontes do texto e os horizontes do intérprete chegam a um consentimento mútuo, a um entendimento mútuo, a um entendimento comum entre o texto e o intérprete. Assim, à medida que alargo os horizontes do meu próprio pensamento, alargo também os horizontes do texto a partir da minha própria situação e da minha própria perspectiva histórica.

E da mesma forma, o texto amplia meu horizonte e compreensão do seu mundo e da sua perspectiva. Revela algo novo. Isso revela algo desafiador para minha compreensão.

Mas é importante compreender que, para Gadamer, isto não significava que o resultado deste processo fosse de alguma forma uma interpretação final correcta de um texto, ou um único significado específico e correcto que veio do texto. Em vez disso, o resultado foi simplesmente abrir possibilidades onde os horizontes de ambos foram ampliados e chegaram a uma espécie de relacionamento mútuo. Portanto, Gadamer não está dizendo exatamente que de alguma forma os horizontes se

fundem num significado correto, numa compreensão correta do verdadeiro significado do texto.

Assim, para Gadamer, ele defendeu o que poderia ser chamado de uma espécie de hermenêutica do diálogo, novamente, onde o intérprete entra em diálogo com o texto. Portanto, uma forma de analisar a contribuição de Gadamer é examinar tanto as contribuições para a hermenêutica, como também algumas das questões que a sua abordagem levanta. Assim, por exemplo, no que diz respeito à contribuição, mais uma vez, penso que Gadamer nos lembrou de forma pungente que não existe um observador e intérprete objetivo e neutro, que de alguma forma podemos abordar um texto bíblico de uma forma completamente imparcial, sem ser influenciado por nossa formação e nossas crenças teológicas, nossa cultura, nossas perspectivas, etc.

Que ninguém pode abordar um texto como um observador neutro. Mas essas coisas inevitavelmente refletem e às vezes dificultam a nossa compreensão de um texto. Não existem abordagens de texto puramente indutivas, nas quais simplesmente absorvemos os dados e observamos algo de maneira neutra.

Mas, em vez disso, somos influenciados pelo que trazemos para o texto. Isso necessariamente colorirá a maneira como olhamos para isso. E acho que também em alguns aspectos isso é inevitável e necessário.

Como podemos esperar compreender algo como um texto se não temos nenhum conhecimento prévio, se não temos nenhuma experiência anterior, se não temos quaisquer categorias anteriores que nos ajudem a perceber isso. Assim, uma das contribuições de Gadamer foi desviar ainda mais a nossa atenção do observador mítico, neutro, completamente neutro e imparcial, apenas à espera de absorver os dados e dar-lhes sentido de uma forma objectiva e neutra. Em segundo lugar,

Gadamer enfatizou de forma útil que a interpretação é um diálogo em alguns aspectos.

A interpretação é um diálogo que nos permite ser desafiados. Permite que nossas noções pré-concebidas sejam desafiadas. Permite que os nossos próprios horizontes e a nossa própria compreensão sejam desafiados e mudados.

Portanto, esse significado costuma ser surpreendente. O significado muitas vezes desafia a nossa própria compreensão e os pré-entendimentos que trazemos para o texto. Novamente, Gadamer não foi necessariamente tão longe ao dizer que de alguma forma, portanto, o texto tem prioridade e o intérprete pode chegar a um significado correto do texto.

Mas, ao mesmo tempo, acho que ele ajuda a enfatizar a natureza dialógica da interpretação. Não sou apenas eu, como observador objetivo, ganhando domínio sobre um objeto. Mas, em vez disso, chegamos ao texto com as nossas questões e suposições e o que esperamos encontrar.

E o texto também desafia isso e pode derrubar isso, pode desafiar e mudar isso. Portanto, às vezes o significado é surpreendente e desafia nossas noções preconcebidas sobre o que encontraremos no texto. Relacionado com isso, creio que uma terceira contribuição é que a interpretação não é um evento único.

Às vezes é um processo contínuo que muitas vezes abre novos insights. Não interpretamos um texto. Eu não abro minha Bíblia em Jeremias, capítulo 31, leio e chego ao significado correto e pronto.

E não há mais trabalho a ser feito. Não há mais interpretação a acontecer. Mas, em vez disso, Gadamer lembra-nos que por vezes a interpretação não é um evento

único, mas muitas vezes é contínua e continua a abrir novas perspectivas sobre o texto à medida que a nossa compreensão é desafiada pelo texto.

Mas, ao mesmo tempo, a abordagem hermenêutica de Gadamer levanta algumas questões. Por exemplo, duas questões que, novamente, não espero responder necessariamente neste momento, mas apenas levantar a partir do pensamento de Gadamer. Número um, existem limites para a compreensão? Quando entro em diálogo com o texto, há limites para a minha compreensão do texto? Mesmo quando se fala sobre a fusão dos horizontes, há limites para a forma como esses horizontes são fundidos? Existem limites para como eu entendo outro texto? E segundo, o diálogo é um círculo vicioso? Quero dizer, um diálogo é algo que vai e volta, vai e volta e é contínuo? Por exemplo, alguns até levantaram a questão: como posso saber se chego a um texto com a minha pré-compreensão e os meus próprios preconceitos e suposições sobre o que vou encontrar, como posso saber se quando o texto responde para mim, quando o texto me desafia, como posso saber se estou entendendo isso corretamente se já sou influenciado pela minha formação e pelos meus preconceitos? Assim, por exemplo, considerando a contribuição de Gadamer, quando leio um texto bíblico, novamente, se eu escolher ler uma das parábolas de Jesus, por exemplo, ou se eu escolher ler uma das cartas de Paulo, o texto pode então desafiar o meu próprio, por exemplo, o texto bíblico pode desafiar as minhas próprias noções preconcebidas de individualismo.

Posso chegar a um texto bíblico e a partir de uma perspectiva muito individualista, especialmente no século XXI, como um americano de classe média do século XXI, posso chegar ao texto com as minhas suposições individualistas e posso tentar compreender o texto a partir dessa perspectiva. Mas o texto poderá então desafiar as minhas próprias noções preconcebidas. Isso pode me frustrar como leitor, porque agora estou encontrando algo que desafia minha crença.

E pelo menos como cristão, espero permitir que o texto como a Palavra de Deus derrube isso e desafie isso e adapte meu horizonte ou minha perspectiva e meu entendimento ao do texto bíblico. Um exemplo em minha própria interpretação que pode ou não refletir exatamente o que está acontecendo com a abordagem de Gadamer, mas por muito tempo li um texto como Efésios capítulo 5 e versículo 18. Li isso de uma perspectiva puramente individualista, pessoal e pietista. .

Quando o autor diz, não se embriague com vinho, que leva à devassidão, mas seja cheio do Espírito. Eu estava propenso a ler isso em termos puramente individualistas. Tratava-se de um cristão individual, o Espírito de Deus me enchendo e, portanto, produzindo o resto do texto, produzindo o tipo de características que Paulo vê como uma indicação adicional de uma vida que é controlada ou cheia pelo Espírito Santo.

Então eu li isso em termos pessoais, pietistas e individualistas, que o Espírito de Deus me preencheria como indivíduo e produziria o tipo de vida que ele desejava. Contudo, ao ler novamente este texto no contexto mais amplo de Efésios, perguntei-me se a minha perspectiva era demasiado estreita. E comecei a considerar o fato de que talvez a perspectiva do capítulo 5, versículo 18, de Efésios seja mais corporativa e comunitária.

Para que a ordem de ser cheio do Espírito seja uma ordem para toda a comunidade, a igreja, para ser o templo de Deus onde Deus habita e está presente com ele através do seu Espírito Santo. De modo que isto, embora não exclua necessariamente a experiência individual e o preenchimento individual, por outro lado, a ênfase de Paulo pode ser muito mais comunitária. Que ele imagina toda a igreja, todo o corpo de Cristo, toda a comunidade corporativa como o local do preenchimento de Deus, olhando para toda a comunidade como um templo que Deus preencherá.

A presença de Deus estará no meio do seu povo. Então , às vezes, novamente, o texto bíblico pode funcionar para desafiar nossas noções preconcebidas e funcionar para nos deixar desconfortáveis e ver algo surpreendente que desafia o que pensávamos que encontraríamos no texto bíblico. Isto leva-me a outro indivíduo que foi influente na hermenêutica, embora, até certo ponto, provavelmente mais na sua compreensão teológica e bíblica mais ampla do Novo Testamento.

Mas a próxima pessoa sobre a qual quero falar é Rudolf Bultmann, outro estudioso alemão e estudioso alemão do Novo Testamento, particularmente, que viveu de 1884 a 1976. Rudolf Bultmann foi um estudioso alemão frequentemente associado ao que é conhecido como hermenêutica existencial. E de novo, não quero falar, passar muito tempo falando de Bultmann.

Mas, de certa forma, Bultmann também contribuiu para a nossa compreensão da hermenêutica. Bultmann é mais conhecido como autor de um dos livros mais importantes do autor, foi A História da Tradição Sinótica, onde expôs sua visão dos evangelhos sinóticos em relação à historicidade, e como ele entendeu o desenvolvimento do evangelho tradição. Rudolf Bultmann é provavelmente um dos mais importantes intérpretes do Novo Testamento no século XX, tanto na Europa como na América do Norte.

A sua influência, tanto através dos seus alunos, como também através da sua escrita e do seu pensamento, ainda é amplamente sentida. Ele também é conhecido por escrever uma teologia do Novo Testamento, onde desenvolveu sua abordagem da teologia do Novo Testamento a partir de uma perspectiva antropológica. Mas ele também escreveu e contribuiu, como já disse, para a hermenêutica.

E há vários aspectos importantes em sua escrita nos quais queremos nos concentrar. Em primeiro lugar, Rudolf Bultmann enfatiza a pré-compreensão? Semelhante ao

que vimos no trabalho de Gadamer, Bultmann enfatizou que a nossa compreensão de um texto bíblico é condicionada pela nossa compreensão anterior. Em outras palavras, não existe um observador objetivo e neutro do texto, mas sim, quando chegamos ao texto, influenciado por nossa compreensão anterior.

Isto foi explicado particularmente em um artigo que Bultmann escreveu intitulado: A exegese pressuposicionalista é possível? Experimente isso em sua congregação. A exegese pressuposicionalista é possível? E claro, a essa pergunta Bultmann respondeu não. Uma segunda coisa que a hermenêutica de Bultmann parece enfatizar é que a hermenêutica é circular.

O processo de compreensão e interpretação é circular. Começamos com a nossa pré-compreensão, mais uma vez, à semelhança do que encontramos em Gadamer. Começamos com a nossa pré-compreensão, e esta ou é confirmada, rejeitada ou modificada em diálogo com o texto.

Então, novamente, em alguns aspectos, Bultmann entendeu a hermenêutica semelhante a Gadamer, em alguns aspectos, como um diálogo entre o intérprete e o texto. Chegamos ao texto com a nossa pré-compreensão, então encontramos o texto modificando, desafiando ou rejeitando isso, e o diálogo continua. Uma terceira característica da hermenêutica de Rudolf Bultmann é existencial.

Novamente, Rudolf Bultmann é frequentemente visto e identificado com a hermenêutica existencial. Segundo Bultmann, o objetivo da hermenêutica é um encontro existencial com o texto, e aqui Bultmann costuma ser visto como influenciado pelo pensador existencial Martin Heidegger, mas ele viu que um encontro existencial com o texto era o objetivo principal da interpretação. E assim alguém lia um texto, e o objetivo era estar aberto ao que esse texto diz sobre as possibilidades de uma existência humana autêntica.

O objetivo da leitura do texto era então experimentar um chamado à decisão e à existência autêntica. Então, por essa razão, a hermenêutica de Bultmann poderia ser caracterizada como existencial. O objetivo é um encontro com o texto e um chamado à decisão e à existência humana autêntica.

A quarta característica, e a última que mencionarei sobre a hermenêutica de Bultmann, é o processo de desmitologização. Isto é, Bultmann passou por um programa de desmitologização do texto do Novo Testamento. E o que isso significava, para ele, era que a Bíblia se mantinha, especialmente o Novo Testamento, sustentada por uma visão obsoleta e pré-científica do mundo, onde havia coisas como demônios e anjos e curas e ressurreições milagrosas.

Mas no mundo moderno, já não acreditamos num mundo assim. Não vivemos mais nem experimentamos tal mundo. Mais uma vez, para ele, mais uma vez, quase Bultmann novamente está operando com essa distinção entre fé, religião e Deus e vendo a história dentro do reino e vendo o mundo dentro do reino de causa e efeito e da ciência, o que deixa de fora qualquer coisa sobrenatural.

Então, se for esse o caso, não vivenciamos anjos e não vivenciamos ressurreições e coisas milagrosas. Isso foi para uma visão de mundo pré-científica e obsoleta. Mas no nosso mundo científico e tecnológico, já não experimentamos essas coisas.

Então, o que fazemos com a Bíblia? Novamente, de acordo com Bultmann, interpretamos o Novo Testamento existencialmente. E o que fazemos é eliminar todo o mito relacionado a esta visão de mundo obsoleta dominada pelos milagres e ressurreições e anjos e demônios e coisas assim. Despojamo-nos do mito para chegar ao verdadeiro significado do texto bíblico.

Alguns compararam isso a retirar toda a casca até chegar ao cerne da verdade, o que, segundo Bultmann, era simplesmente um chamado existencial à existência autêntica. Então, novamente, por exemplo, quando alguém lê nos evangelhos sobre a ressurreição de Jesus Cristo, não devemos entender isso como uma ressurreição real e literal de Cristo dentre os mortos. Novamente, isso faz parte de uma visão de mundo obsoleta da qual não participamos mais e não vivenciamos porque essas coisas simplesmente não acontecem.

Mas agora lemos o relato da ressurreição como se estivéssemos removendo a casca mítica. O cerne é que este é simplesmente um chamado à fé no cristão. Então, para resumir, novamente, há outras pessoas sobre as quais sem dúvida poderíamos falar, mas tentei simplesmente provar algumas das influências mais importantes na hermenêutica e na interpretação.

Então, para resumir a nossa pesquisa até este ponto sobre as raízes históricas e as influências históricas na interpretação, voltando novamente a Francis Bacon e ao seu raciocínio indutivo puramente científico, olhando para Descartes e a sua ênfase no ser humano, no pensador autônomo e no raciocínio e racionalidade humanos. como capaz de saber. A ênfase de John Locke na mente é uma tábula rasa que recebe impressões sensoriais do mundo externo. E então Immanuel Kant, que enfatizou o eu pensante autônomo e que eram as categorias e percebemos tudo e conhecemos as coisas através da grade e das categorias já na mente.

Para Friedrich Schleiermacher que, ao reagir à racionalidade pura, sugeriu que o objetivo da hermenêutica era descobrir o pensamento do autor e a intenção do autor. A Hans-Gur Gadamer que sugeriu que a interpretação é o resultado de uma fusão de horizontes. Entramos em diálogo com o texto.

Chegamos com nossos pressupostos, nossas predisposições, nossas crenças e preconceitos, e entramos em relação dialógica com o texto. E depois para Rudolf Bultmann que também enfatizou a importância da pré-compreensão e dos pressupostos. Nenhuma compreensão pode ocorrer sem uma compreensão prévia e que o objetivo da interpretação era um encontro existencial com o texto.

Bultmann associou-se a uma hermenêutica existencial. E no Novo Testamento, uma vez que não podemos mais aceitar este mundo de anjos e demônios e do sobrenatural e de milagres e ressurreições, o objetivo é desmitologizar o texto, despojá-lo de tudo e descobrir o cerne principal do significado, que é um chamado à existência autêntica e a um encontro existencial com o texto. Então, o que aprendemos em resumo? Qual é a contribuição desses indivíduos e as raízes históricas e influências históricas na hermenêutica? Obviamente já mencionamos algumas coisas, mas apenas para recapitular e resumir.

Número um, mencionarei cinco coisas brevemente. O número um é que um dos legados desta abordagem é visto em livros hermenêuticos ou movimentos interpretativos e estudos bíblicos que enfatizam uma abordagem indutiva. Movimentos que enfatizam a aplicação correta de métodos corretos de interpretação para que o significado do texto possa ser alcançado, o significado correto do texto possa ser extraído.

E além disso, há uma correlação direta entre a interpretação e o meu conhecimento e a minha compreensão do significado do texto. Há uma correlação direta entre isso e o próprio texto. Assim, a razão humana, o pensamento lógico, a aplicação correta dos métodos, a capacidade de abordar o texto como um observador neutro e objetivo é um dos legados desses indivíduos que ainda em muitos aspectos influenciou a nossa hermenêutica hoje e certamente influenciou inúmeras,

especialmente nos séculos XIX e XX, influenciou inúmeros intérpretes do texto bíblico e inúmeros livros hermenêuticos.

Um segundo legado histórico desses indivíduos foi a ênfase na intenção do autor de que o objetivo da interpretação é descobrir o significado pretendido pelo autor. E mesmo na medida em que nos dizem que devemos tentar, tanto quanto possível, ter empatia com o autor, colocar-nos no lugar do autor, tentar colocar-nos na situação do autor bíblico, para que possamos compreender o que o autor era, pretendendo se comunicar. É uma tentativa de compreender o autor e o que e o significado que o autor estava tentando transmitir.

Embora veremos que a maioria das discussões sobre a intenção do autor se afastou da abordagem mais psicológica de Schleiermacher, um dos legados de Schleiermacher ainda é enfatizar que o objetivo da interpretação é recuperar a intenção do autor. Uma terceira influência deste levantamento histórico de algumas das raízes e influências desses indivíduos na hermenêutica é a ênfase no leitor como o eu autônomo. Isto é, começando especialmente com Kant e mesmo voltando a Descartes, há agora uma divisão entre a capacidade do eu de pensar, que suscita a capacidade e o pensador autônomo, o que levanta a questão até que ponto então o significado é determinado pela perspectiva que o leitor traz para o texto.

Como dissemos, em alguns aspectos isto antecipou abordagens modernas orientadas para o leitor, tais como a crítica da resposta do leitor, sobre a qual falaremos numa sessão posterior, onde o leitor cria significado. O leitor é quem percebe e até determina e cria sentido no texto, e não o autor. Em quarto lugar, relacionado a isso, várias dessas abordagens nos deixaram o legado de que ninguém chega ao texto sem preconceitos.

Em contraste com os dois primeiros pontos que acabei de mencionar, especialmente o primeiro que enfatizava uma abordagem puramente indutiva, de que alguém poderia permanecer como um observador objetivo e neutro e obter domínio sobre o texto. Em contraste, vários destes indivíduos enfatizaram que ninguém chega ao texto como um observador completamente neutro ou objetivo. Todos nós viemos com nossos preconceitos, nossos preconceitos, nossas origens, nossas predisposições, nossos entendimentos anteriores, nossas próprias crenças e experiências que influenciam e afetam a maneira como lemos o texto.

Mas também existe a suposição de que isso não é necessariamente uma coisa ruim ou não precisa ser. Na verdade, até certo ponto é necessário. Como você pode entender alguma coisa sem um entendimento prévio? Se você tem uma mente em branco, uma lousa em branco, como você pode esperar entender alguma coisa? Portanto, há um reconhecimento de que ninguém chega ao texto sem preconceitos, preconceitos, pré-entendimentos e influências anteriores.

Mas tudo isso influencia a maneira como lemos um texto. Isto levanta a questão de saber se iremos, portanto, inevitavelmente distorcer o texto ou se isso significa que não existe um significado correcto ou que ninguém poderá alguma vez esperar chegar ao significado correcto do texto. Lidaremos com essas questões mais tarde.

Mas, pelo menos, chegámos agora ao facto de que ninguém é um observador completamente objectivo e neutro, mas todos trazemos a nossa própria bagagem para o texto que influencia a forma como o lemos. E, finalmente, um quinto resultado desta abordagem é reconhecer que a interpretação, até certo ponto, é um diálogo. Até mesmo muitos intérpretes evangélicos que você encontrará falarão sobre uma espiral interpretativa ou uma espiral hermenêutica onde entramos em diálogo com o texto.

Chegamos ao texto com nossas perguntas e suposições, permitindo que o texto desafie isso. E então continuamos a abordar o texto e a questioná-lo e a permitir que ele seja desafiado. Você verá até alguns intérpretes evangélicos, embora possam usá-lo de maneira muito diferente, mas usando a noção de fusão de horizontes de Gadamer.

Mas, pelo menos, a interpretação não é tanto um evento único onde ganhamos domínio sobre o texto e apenas extraímos o seu significado, mas às vezes talvez um diálogo contínuo onde continuamos a descobrir coisas novas sobre o texto. O que quero fazer agora é mudar de assunto e começar a discutir métodos de interpretação ou abordagens hermenêuticas do texto na forma de diferentes métodos, mas também de diferentes críticas como seu rótulo. E deixe-me começar com uma observação lateral aqui.

Quando falamos de crítica, e ao longo do resto deste curso falaremos sobre diferentes críticas, já apresentamos uma crítica conhecida como crítica textual, mas apresentaremos algumas outras críticas, como crítica de gênero ou redação crítica, crítica de forma, crítica histórica, que começaremos a abordar no final desta sessão agora. Mas apresentaremos várias críticas diferentes. É importante parar e observar o que queremos dizer com crítica.

Quando falamos sobre crítica, não usamos o termo necessariamente de forma negativa, em termos de sermos críticos ou críticos sobre um texto ou sobre uma crença teológica. Em vez disso, utilizamos a crítica num sentido mais positivo, fornecendo uma justificativa válida e uma razão sólida para a posição que defendemos. Isto é, muitos destes métodos surgiram, de facto, no contexto de julgamentos críticos bastante negativos e de pressupostos negativos.

Mas, ao mesmo tempo, quando estão divorciadas destes julgamentos e destes pressupostos e predisposições negativas, muitas destas metodologias críticas ainda são de facto valiosas. Assim, mais uma vez, quando usamos a palavra crítica, estamos a falar principalmente de fornecer justificação para as nossas crenças, fornecer razões pelas quais interpretamos um texto da forma como ele é, fornecer razões pelas quais pensamos que o texto significa isto em oposição a isto. Portanto, o oposto da crítica não é a piedade, mas o oposto da crítica neste sentido é a credulidade ou a ingenuidade que não fornece razões pelas quais alguém acredita da maneira que acredita.

Então, apenas uma observação sobre como estamos usando a crítica. Não fique chocado ou desanimado com isso, mas reconheça que a crítica é uma coisa boa, simplesmente referindo-se a fornecer uma justificativa para uma análise de por que interpretamos um texto e o lemos da maneira que o fazemos. Dito isto, vamos começar examinando as abordagens históricas e centradas no autor da hermenêutica ou da interpretação bíblica.

Outra maneira de ver isso é examinar as abordagens que vão principalmente por trás do texto. Ou seja, já sugerimos que a interpretação se concentra em três aspectos da produção do texto. Esse é o autor e as circunstâncias que o rodeiam que estão por trás do texto.

A segunda é o próprio texto, ou seja, a interpretação está dentro do texto. E a terceira é focar no leitor como a pessoa que recebe o texto ou que olha para a frente do texto. Portanto, esses são os principais tipos de focos de interpretação.

E, mais uma vez, tanto histórica como logicamente, a hermenêutica parece ter passado por estes três. E então vamos começar com o primeiro, isto é, abordagens de interpretação bíblica orientadas pelo autor e pela história que, em geral,

procuram principalmente ir além do texto. Ou seja, fazer perguntas sobre o autor, principalmente a intenção do autor, fazer perguntas sobre as circunstâncias históricas que produzem o texto, fazer perguntas sobre os autores históricos, sinto muito, os leitores históricos, e suas circunstâncias, e como o autor foi tentando resolver isso produzindo este texto.

Assim, as abordagens históricas focam, vão atrás do texto. Eles olham, em muitos aspectos, para as forças que produzem historicamente o texto. Então, o que eu queria começar a discutir, inicialmente, é o que é conhecido como método crítico histórico ou abordagens histórico-críticas de interpretação que, mais uma vez, incluirão e muitas vezes se concentram em grande parte na intenção do autor.

Em certo sentido, as abordagens históricas críticas do Novo Testamento ou do Antigo Testamento não são nada diferentes do que muitas vezes acontece na interpretação da hermenêutica. Isto é, muitas vezes nada mais é do que examinar o pano de fundo de um livro bíblico, examinar quem é o autor, examinar a situação, examinar quem eram os leitores, a data do livro, a localização, os tipos de coisas que se encontram no livro. introdução à maioria dos comentários, ou em pesquisas e introduções mais antigas do Novo Testamento. Esses tipos de livros lidam com esse tipo de questões.

Novamente, data, autoria, etc. Então , se estou lidando, estou tentando entender, ou quero interpretar e tentar entender o livro de Jeremias, faço perguntas sobre quem foi o autor e quais foram suas circunstâncias. . Faço perguntas sobre os tempos e as situações, políticas e religiosas, que ocorreram e que teriam criado o ambiente para que o livro de Jeremias fosse escrito.

Faço perguntas sobre a data do livro, quando foi escrito, a situação dos leitores, etc., etc. Tudo isso para reconstruir o que provavelmente foi o pano de fundo e a situação

que gerou o livro em primeiro lugar. É pegar o livro e simplesmente colocá-lo em seu contexto histórico mais amplo.

E, novamente, temos feito isso há muito tempo, e a maioria dos comentários, que parece ser o gênero de um comentário, para começar com esse tipo de perguntas, para colocar os livros bíblicos em seus cenários. Ou ainda, pesquisas do Antigo e do Novo Testamento que apresentam tratamentos, tratamentos extensos, para esses tipos de questões. No entanto, mais do que apenas um resumo das abordagens tradicionais de interpretação de livros bíblicos que você encontra em comentários e introduções e pesquisas do Novo e Antigo Testamento e coisas assim, é que o método crítico histórico representa uma abordagem de interpretação da Bíblia que é um produto do Iluminismo, em certo sentido, com sua ênfase no raciocínio humano e enfatizando o pensamento racional humano.

E uma abordagem para interpretar historicamente a Bíblia que carrega consigo uma série de suposições e ideias. Muitas vezes, às vezes anteriormente, não usarei esta linguagem; em tratamentos anteriores do método crítico histórico, ela era frequentemente chamada de alta crítica. Você raramente encontra mais essa terminologia.

Mas se você fizer isso, se você se deparar com um trabalho mais antigo, e eles falarem sobre crítica superior, geralmente estarão falando sobre metodologia crítica histórica e fazendo alguns desses tipos de perguntas, antecedentes, história e autoria, etc. , etc. , o método crítico histórico conforme se desenvolveu, foi visto como uma abordagem historicamente orientada para a interpretação da Bíblia que carregava consigo uma série de suposições e crenças, conforme aplicado ao texto bíblico. E veremos alguns deles.

O método crítico histórico, porém, foi visto como resultado de algumas das abordagens anteriores mais dogmáticas para a interpretação do texto bíblico, leituras teológicas mais dogmáticas de textos bíblicos que simplesmente reforçavam e reafirmavam tradições e crenças teológicas. E agora, em vez disso, a abordagem histórica crítica pede ao intérprete que examine os livros do Antigo e do Novo Testamento como produtos de processos muito históricos. E assim a crítica histórica se desenvolveu como uma forma de interpretar o texto bíblico do Antigo e do Novo Testamento.

O que significa dizer então que a Bíblia é histórica? Jesus realmente ressuscitou dos mortos? Será que um grupo de israelitas realmente fez isso? E como isso é histórico? Será que um grupo de israelitas realmente atravessou um mar que foi dividido para que pudessem caminhar por terra firme? Como isso é histórico? Então, em um aspecto, ele estuda o texto bíblico como faria com qualquer outro documento. Vários princípios então, o que quero fazer agora é discutir vários princípios que orientaram a investigação histórica do texto do Antigo e do Novo Testamento. Quais foram alguns dos pressupostos e princípios que governaram e orientaram as abordagens históricas críticas do Antigo e do Novo Testamento? Em primeiro lugar, e muito disto soará como alguns dos pensadores que acabámos de examinar anteriormente, é que o primeiro pressuposto ou princípio que orientou a abordagem histórica crítica foi a prioridade da razão humana e a prioridade do bom senso.

O exame histórico do texto bíblico progrediu e procedeu de acordo com a razão humana. Ou seja, o raciocínio humano e o processo do bom senso foram capazes de dar conta e de compreender e interpretar os textos bíblicos em seu contexto histórico. Assim, por exemplo, quando alguém aborda um texto como Mateus capítulo 1, onde Jesus é visto como sendo o seu nascimento, sendo o produto de uma concepção e nascimento virginal, o raciocínio e o pensamento humanos me dizem que esse tipo de coisa não acontece.

Virgens não concebem e não dão à luz filhos. Portanto, a lógica humana, o raciocínio humano é significativo e importante e tem prioridade nas abordagens histórico-críticas do texto bíblico. Um segundo princípio que também parece muito e deve muito a alguns dos pensadores que examinamos na seção anterior é o princípio de causa e efeito.

Este é um dos pressupostos primários da abordagem crítica histórica original do Antigo Novo Testamento. Tudo acontece dentro de um continuum fechado de causa e efeito. Ou seja, o mundo e a história funcionam de acordo com um sistema natural, um sistema mecanicista de causa e efeito.

Cada evento é visto dentro do contexto daquilo que ocorre antes dele e visto no contexto de sua relação com todos esses outros eventos. Ou seja, todo evento deve ter uma explicação natural. E isso significa, obviamente, que não pode haver interrupções sobrenaturais no curso dos acontecimentos.

Não pode haver intervenção de um ser externo, de um deus, nesses acontecimentos. Mas, em vez disso, todos os acontecimentos devem ter uma explicação natural. Os eventos não apenas ocorrem, mas têm uma explicação, uma relação de causa e efeito .

Eles têm uma causa histórica que deu origem a esses eventos. Então, mais uma vez, o Mar Vermelho não se abre apenas para que uma nação inteira possa atravessá-lo. A água não se transforma apenas em vinho.

As pessoas não apenas ressuscitam dos mortos. Pessoas que estão doentes não são curadas apenas com uma palavra falada ou com um toque. Portanto, de acordo com este método, devemos encontrar outras explicações para esse tipo de coisas.

Um método de abordar isso, embora existam outros, um método era conhecido como abordagem histórica religiosa, onde basicamente o Antigo Novo Testamento era simplesmente lido como variações ou versões de outras crenças religiosas e fenômenos religiosos semelhantes no mundo antigo. Então, em primeiro lugar, a prioridade do raciocínio e do pensamento humanos. O segundo pressuposto primário era causa e efeito.

Todo evento teve uma causa histórica. Tudo aconteceu dentro de um continuum fechado de causa e efeito, de modo que os milagres tiveram que ser explicados de outra forma. Não pode haver intervenção sobrenatural nos assuntos da história.

Um último foi o princípio ou suposição da analogia. Ou seja, o conhecimento histórico procede do conhecido para o desconhecido. Ou outra forma de dizer é simplesmente que a história se repete.

É constante. Quando estudo um evento histórico, a suposição é que as coisas que aconteceram no passado devem ter uma analogia com as coisas que estão acontecendo no presente. Portanto, apenas eventos que são análogos à minha própria experiência, presumivelmente na minha era científica tecnológica, eventos, apenas eventos que são análogos à minha experiência atual são verdadeiros.

Assim, mais uma vez, quando examino um relato de acontecimentos históricos, apenas aqueles que têm uma analogia com a minha experiência actual podem ser considerados verdadeiros. Agora, para a maioria, isso não exclui completamente alguns eventos únicos. Por exemplo, para usar um exemplo da história dos Estados Unidos, a Batalha de Gettysburg, uma das batalhas mais famosas que aconteceu em Gettysburg, Pensilvânia, uma das batalhas mais famosas da Guerra Civil.

Foi apenas uma única batalha. Não foi repetido e lutou uma e outra vez. No entanto, ao mesmo tempo, conhecemos outras batalhas bem conhecidas na história e vivenciamos guerras e batalhas hoje.

Para que possamos saber então que esta Batalha de Gettysburg, Pensilvânia, que aconteceu em meados de 1800, pode ser aceita como verdadeira porque temos analogias com isso hoje. Mas hoje não vemos coisas como pessoas ressuscitando dos mortos, e não vemos mares sendo divididos para que nações inteiras possam atravessá-los. Portanto, o princípio da analogia é uma suposição ou princípio importante na aplicação da abordagem histórica crítica.

Agora, a dificuldade com isto é que ainda levanta questões sobre eventos únicos. Grande parte da abordagem histórica crítica não permitiu acontecimentos únicos e sem paralelo. Como sugeriu um intérprete, alguém que vive num ambiente onde não há neve e onde não há gelo teria o direito de duvidar e de negar a existência de coisas como icebergs porque não existe uma analogia precisa.

Então o método histórico crítico não permitia, não havia espaço para acontecimentos únicos que não tivessem paralelo ou analogia com nenhum outro. Quando retomarmos nossa discussão sobre crítica histórica na próxima sessão, examinaremos um pouco mais o método crítico histórico e, em seguida, perguntaremos como ele pode ser aproveitado e utilizado na interpretação das Escrituras, interpretando o Antigo Novo Testamento como a palavra de Deus ao seu povo hoje.